

4.^a Secção
História e Geografia
das Populações

**IV Congresso
Histórico de
Guimarães**

*Do Absolutismo
ao Liberalismo*

2009

**Fecundidade não controlada
e crescimento da população.
O caso atípico da ilha do Pico no século XIX**

Maria Norberta Amorim
NEPS - Universidade do Minho





Resumo

No momento que vivemos, estudar períodos de fecundidade não controlada constitui natural fascínio para quem se dedica ao estudo da população.

Não é linear, contudo, que, mesmo sem o espectro de crises de mortalidade gravosas, uma fecundidade não controlada resulte sempre no crescimento da população. Estando em desenvolvimento uma base de dados a integrar todas as freguesias da ilha do Pico em longa duração, vamos encontrando para o século XIX, freguesia a freguesia, uma evolução atípica, com uma fortíssima pujança demográfica nos primeiros 40 anos desse século, seguida de uma também muito marcada retracção.

Num século em que os níveis de fecundidade ainda se mantêm ou pouco oscilam, numa zona de mortalidade suave, é interessante verificar como variáveis condicionantes como a nupcialidade ou a mobilidade podem intervir de uma forma diferida ou imediata no crescimento da população.



Introdução

Neste espaço do mundo em que vivemos, em que o nascimento de uma criança é motivo de grande festa familiar e regozijo de comunidades, estudar períodos de pujança demográfica é um natural fascínio para quem se dedica ao estudo da população.

Recuando 50 anos, podemos mesmo verificar que a nossa disciplina, a Demografia Histórica, nasceu no período demograficamente perturbado do pós-guerra, mercê do interesse de um demógrafo, Louis Henry, pelo estudo da fecundidade de Antigo Regime, uma fecundidade que considerava *natural*.

Relativamente a esta zona do Minho, ainda em 1994¹, eu própria escrevia: “enquanto por essa Europa fora os jovens foram há muito cedendo o seu lugar, aqui, no Noroeste de Portugal, a paisagem humana só agora vai perdendo a beleza juvenil, o que atrai naturalmente a atenção e convida à análise” (Amorim, 1998: 56).

Considerando o fenómeno da fecundidade, mais do que qualquer outro fenómeno demográfico no centro das grandes mudanças das sociedades contemporâneas, estudava então a especificidade desse comportamento no Baixo Minho em muito longa duração. Escolhera para análise a freguesia de Ronfe, do concelho de Guimarães, e a de Ruivães do concelho de Vila Nova de Famalicão, entre 1680 e 1980, tendo na memória, um trabalho concluído em 1992, para o mesmo período histórico, sobre três paróquias do sul do Pico.

Ao prosseguir o trabalho sobre o Pico, a evolução atípica ao longo do século XIX, confirma-se a cada paróquia que vamos reconstituindo². A partir dessas bases de dados, realça-se a fortíssima pujança demográfica nos primeiros 40 anos desse século, seguida de uma retracção muito singular.

¹ Provas de agregação apresentadas na Universidade do Minho.

² Temos neste momento em curso a formação de uma base de dados integrada das 17 freguesias pertencentes aos três concelhos em que a ilha do Pico administrativamente hoje se divide, com acompanhamento, em cadeia genealógica, do percurso de vida dos seus residentes em período coberto pelos registos paroquiais (quase sempre entre finais do século XVII e finais do XX).

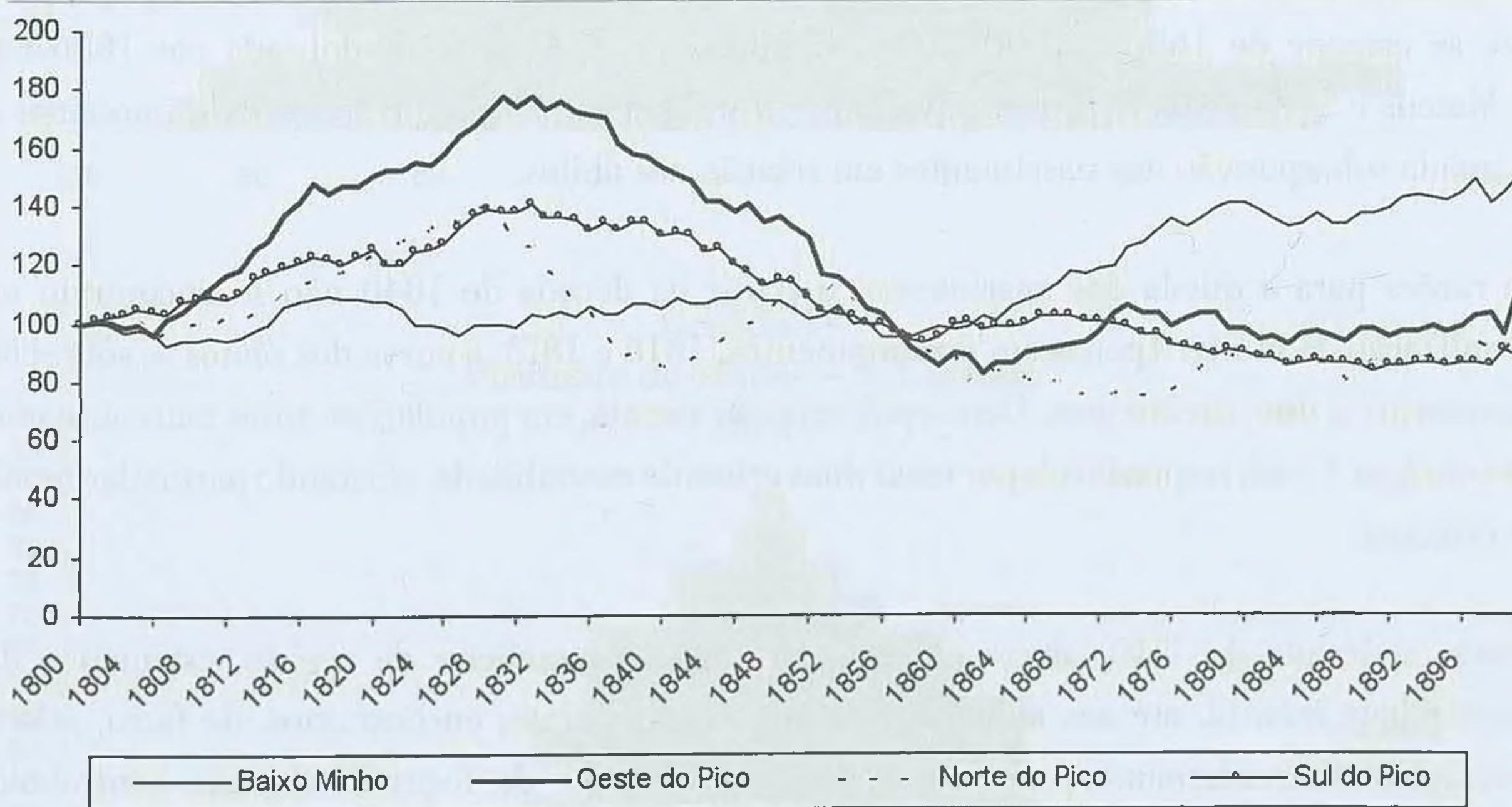


1. Saldos fisiológicos e estrutura das populações

No Gráfico I comparamos a evolução dos baptizados no decurso do século XIX, nas duas paróquias agregadas do Baixo Minho (Ronfe e Ruivães) com paróquias agregadas do Sul do Pico, (S. Mateus, S. Caetano, S. João e Ribeiras) com uma paróquia do Norte da ilha (Santo Amaro), e de outra do Oeste da mesma (Criação Velha), com redução a números índices (1800 = 100).

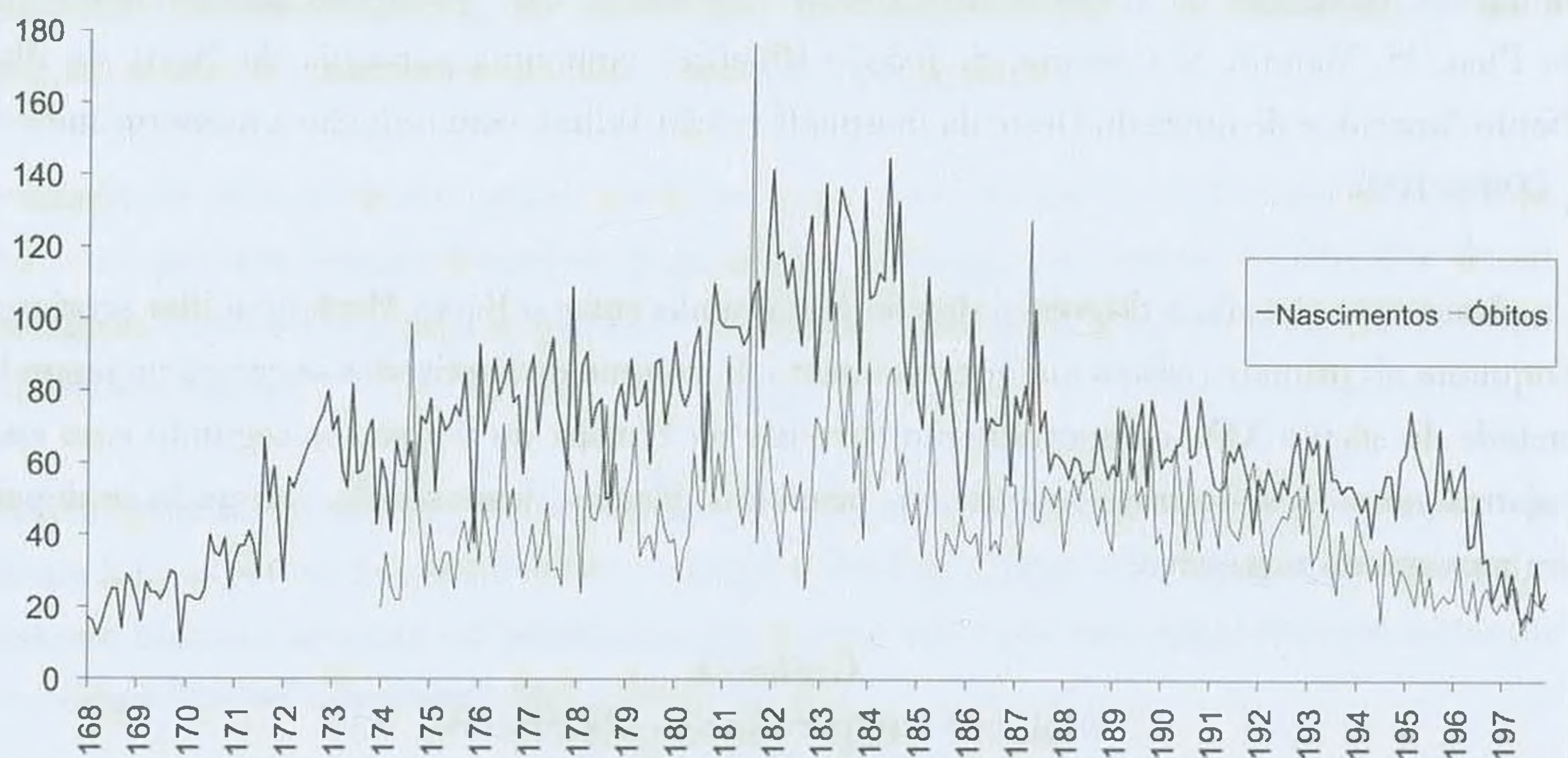
Da observação ressalta a diferença de comportamento entre o Baixo Minho e a ilha açoriana. Enquanto no primeiro caso o maior crescimento do volume de baptizados se centra na segunda metade do século XIX, comportamento corrente na Europa do tempo, no segundo caso essa pujança vai colocar-se precisamente nas primeiras décadas desse século, iniciando-se depois um movimento regressivo.

Gráfico I
Evolução comparada dos baptizados
Baixo Minho e Ilha do Pico
(Índices - 1800 = 100)



Façamos uma observação mais atenta sobre uma paróquia por cada um dos três concelhos do Pico, S. Mateus/S. Caetano, do concelho da Madalena, Ribeiras, do concelho das Lajes e Santo Amaro, do concelho de S. Roque.

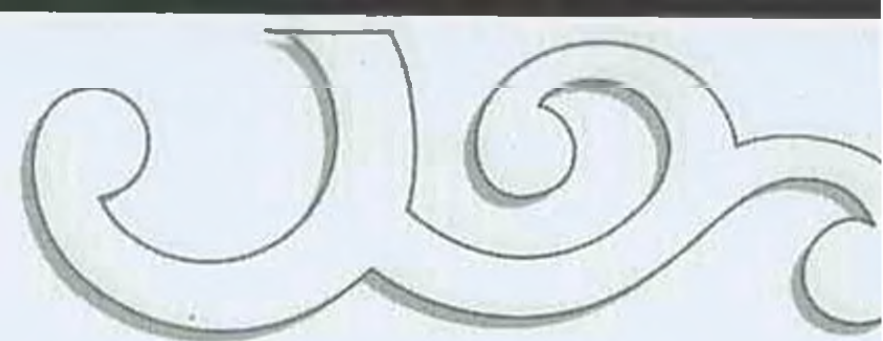
Gráfico II
Movimento de baptizados e óbitos (1680-1980)
S. Mateus/S. Caetano



No gráfico comparativo entre o movimento de baptizados e o de óbitos para o longo período que se estende de 1680 a 1980 para a freguesia de S. Mateus, desdobrada em 1886 em S. Mateus e S. Caetano, mas que mantemos em unidade ao longo dos três séculos, notamos a marcada sobreposição dos nascimentos em relação aos óbitos.

As razões para a queda dos nascimentos a partir da década de 1840 não se encontram na penalização da morte. Apenas em dois momentos, 1816 e 1873, a curva dos óbitos se sobrepõe claramente à dos nascimentos. Duas epidemias de varíola, em populações antes mais afastadas de contágio, foram responsáveis por essas duas crises de mortalidade, afectando particularmente as crianças.

Desde a década de 1740, altura em que passamos a beneficiar de registo sistemático de mortalidade infantil, até aos anos oitenta do século seguinte, encontramos, de facto, saldos fisiológicos marcadamente positivos, o que, num regime de fecundidade não controlada, condicionaria o crescimento acelerado da população, o que realmente se verifica até à década de 1840. A queda do volume de nascimentos será explicada, como veremos, por outras saídas – Uma emigração massiva, a interagir na idade ao primeiro casamento e no celibato definitivo.



Duas listas de residentes que explorámos para o espaço de S. Caetano, um mapa da população mandado elaborar pelo governo liberal em 1838 e um rol de confessados de 1861, ao qual acrescentámos os menores de 7 anos, não referidos no documento, mas que a reconstituição da paróquia nos permite contabilizar, mostram já importantes diferenças na estrutura da população em pouco mais de duas décadas.

Gráfico III
Pirâmide de idades – S. Caetano
1838

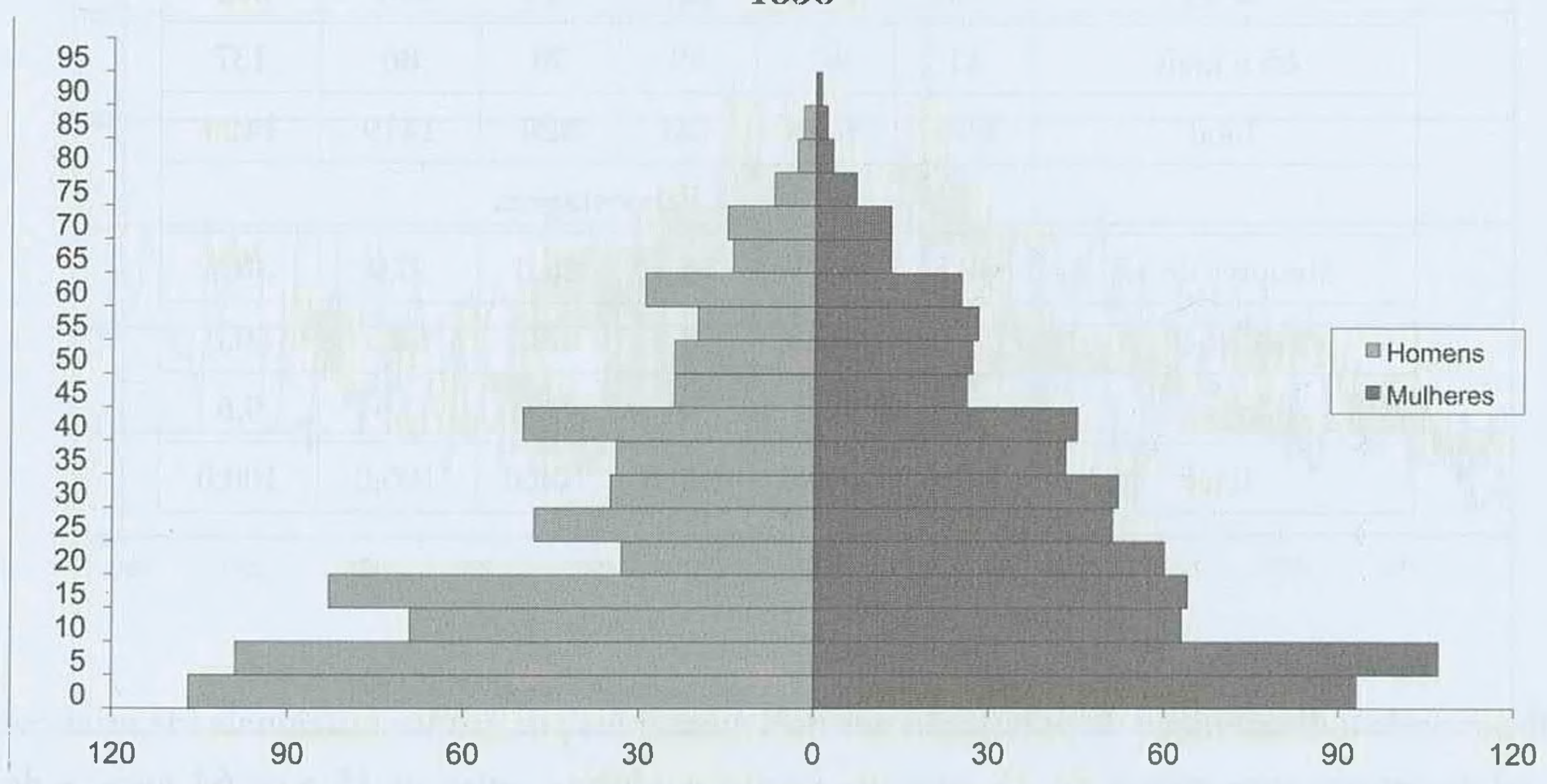
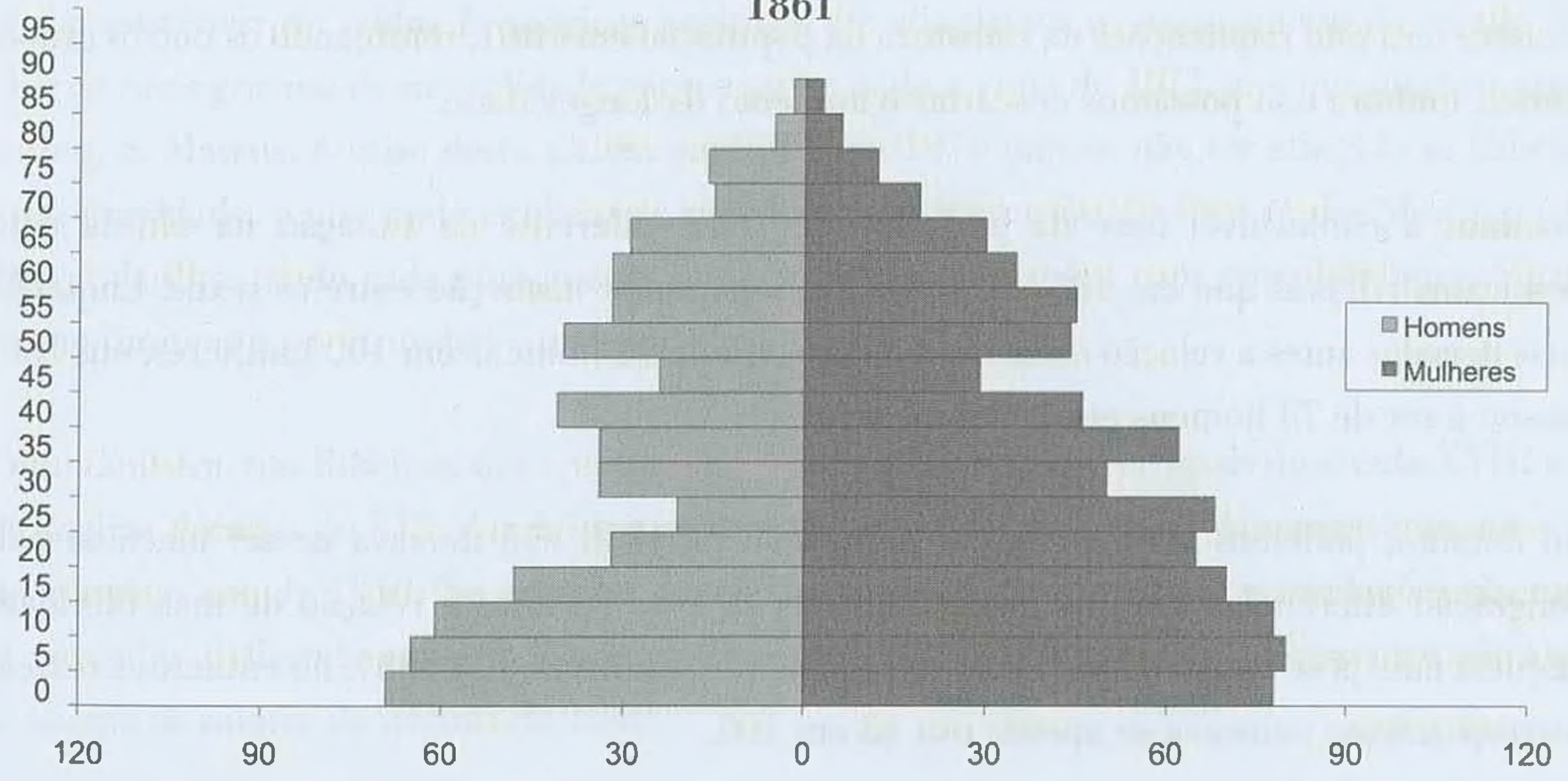


Gráfico IV
Pirâmide de idades – S. Caetano
1861



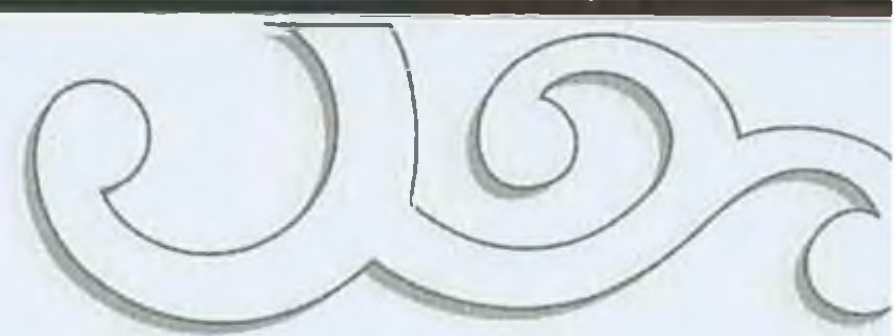
Quadro I
Grupos funcionais
Comparação entre 1838 e 1861

Grupos Funcionais (anos)	Homens		Mulheres		Sexos reunidos	
	1838	1861	1838	1861	1838	1861
	Números					
Menores de 15	275	195	263	236	538	431
15-64	380	338	421	514	801	852
65 e mais	41	67	39	70	80	137
Total	696	600	723	820	1419	1420
Porcentagem						
Menores de 15	39,5	32,5	36,4	28,8	37,9	30,4
15-64	54,6	56,3	58,2	62,7	56,5	60,0
65 e mais	5,9	11,2	5,4	8,5	5,6	9,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Observando a distribuição da população nos dois momentos por grupos funcionais (de crianças e adolescentes, com menos de 15 anos, de jovens e adultos, entre os 15 e os 64 anos, e de idosos, com 65 ou mais anos), verificamos alterações significativas nesse curto espaço de tempo. Os menores de 15 anos diminuíram percentualmente, passando de 37,9% para 30,4%, enquanto o número de velhos aumentou, passando de 5,6% para 9,6%. A redução do número de crianças a nascer terá tido implicações na estrutura da população em 1861, reforçando os outros grupos etários, embora não possamos descartar o aumento da longevidade.

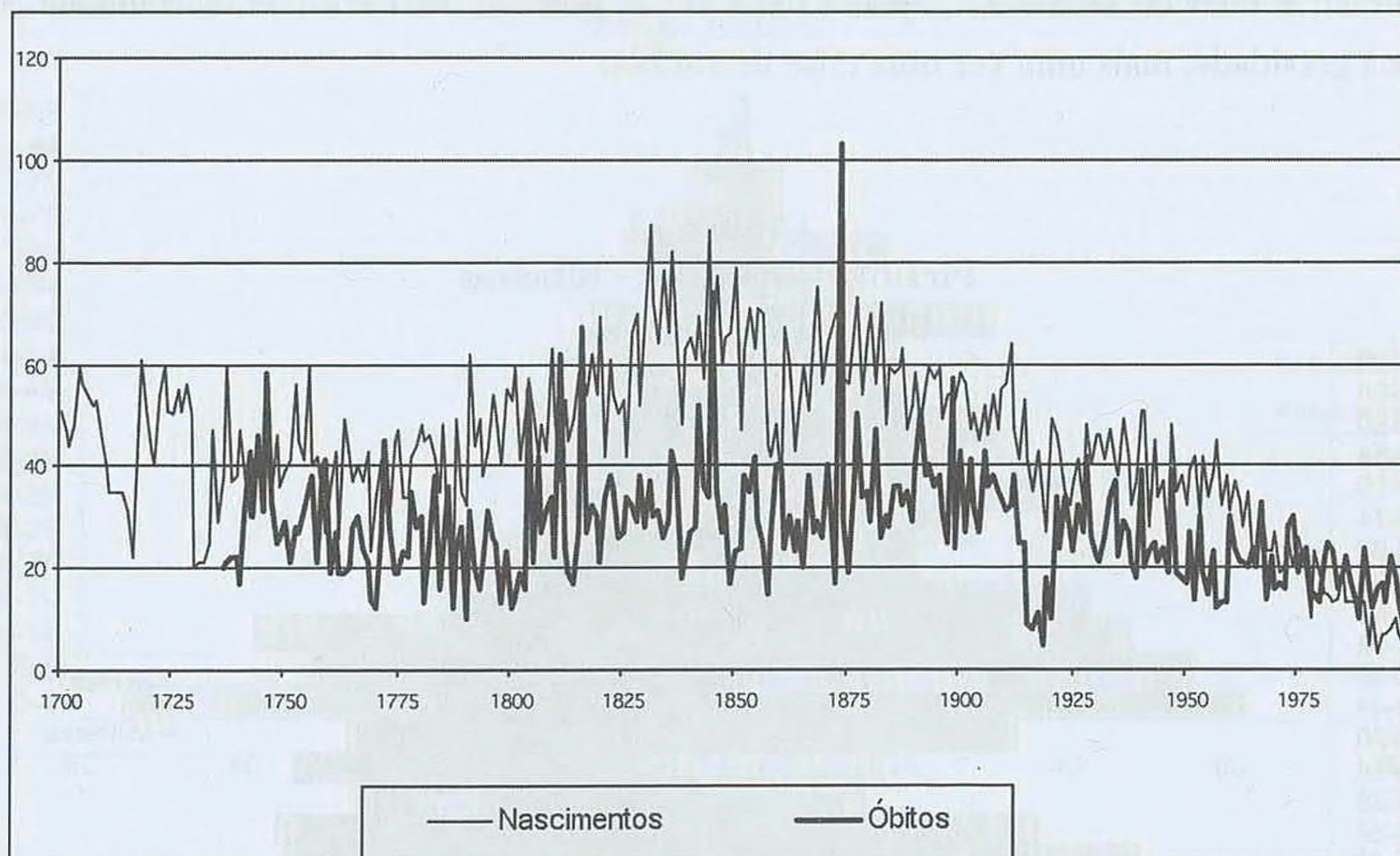
Notamos a confortável base da pirâmide de 1838, diferente da situação na última data. Verificamos depois que em 1861 se verificava uma maior distorção entre os sexos. Enquanto duas décadas antes a relação de masculinidade era de 96 homens em 100 mulheres, em 1861 passou a ser de 73 homens em 100 mulheres.

No entanto, podemos verificar que a população de 1838 não deixava de ser afectada pela emigração diferencial. Para os jovens entre os 20 e os 35 anos a relação de masculinidade naquela data já se colocava nos 71 homens para 100 mulheres. Em 1861, no entanto, a relação correspondente colocava-se apenas nos 48 em 100.



Com mais de metade da população jovem masculina emigrada, a comunidade não podia deixar de ressentir-se a médio prazo, pese embora a suavidade da morte.

Gráfico V
Movimento de Baptizados e óbitos (1680-1980)
Ribeiras



Também nas Ribeiras, dispondo de registo sistemático de todos os indivíduos falecidos, crianças e adultos, desde o início do ano de 1737, contrastando as duas curvas, a de baptizados e a de óbitos, voltamos a verificar a ausência de graves crises de mortalidade no período multissecular e a persistência de saldos fisiológicos positivos até atingirmos os anos setenta do século XX. A crise mais gravosa de mortalidade parece ter-se dado no ano de 1873, ano que afectou, como vimos, S. Mateus. A crise desta última paróquia em 1816 parece não ter atingido as Ribeiras com gravidade, o que pode explicar-se pelo facto das freguesias do Pico se distribuírem pelo litoral da ilha, tendo cada uma apenas duas freguesias limítrofes, com acessibilidades difíceis, o que limitava a oportunidade dos contágios.

Aqui também, nas Ribeiras, um crescimento sustentado preenche os finais do século XVIII e as primeiras décadas do XIX, dando-se a quebra pronunciada no volume de nascimento antes de se atingir o ano de 1850. No entanto, depois dessa queda pronunciada, as oscilações são mais acentuadas, definindo-se períodos de crescimento, embora o volume de nascimentos não volte a atingir os valores da década de 1840.

A pirâmide de idades de 1838 apresentava-se com uma base larga, embora já com clara distorção entre os sexos para as idades jovens.

O mesmo cenário é encontrado em Santo Amaro, na parte norte da ilha: os maiores níveis de baptizados de toda a história da freguesia são atingidos na década de 1840, regredindo depois, apesar de, de 1756 em diante, ano a partir do qual dispomos de informação sobre os que faleceram, e antes do século XX, apenas em 1811 se detectar uma crise de mortalidade com alguma gravidade, mais uma vez uma crise de varíola.

Gráfico VI
Pirâmide de idades - Ribeiras

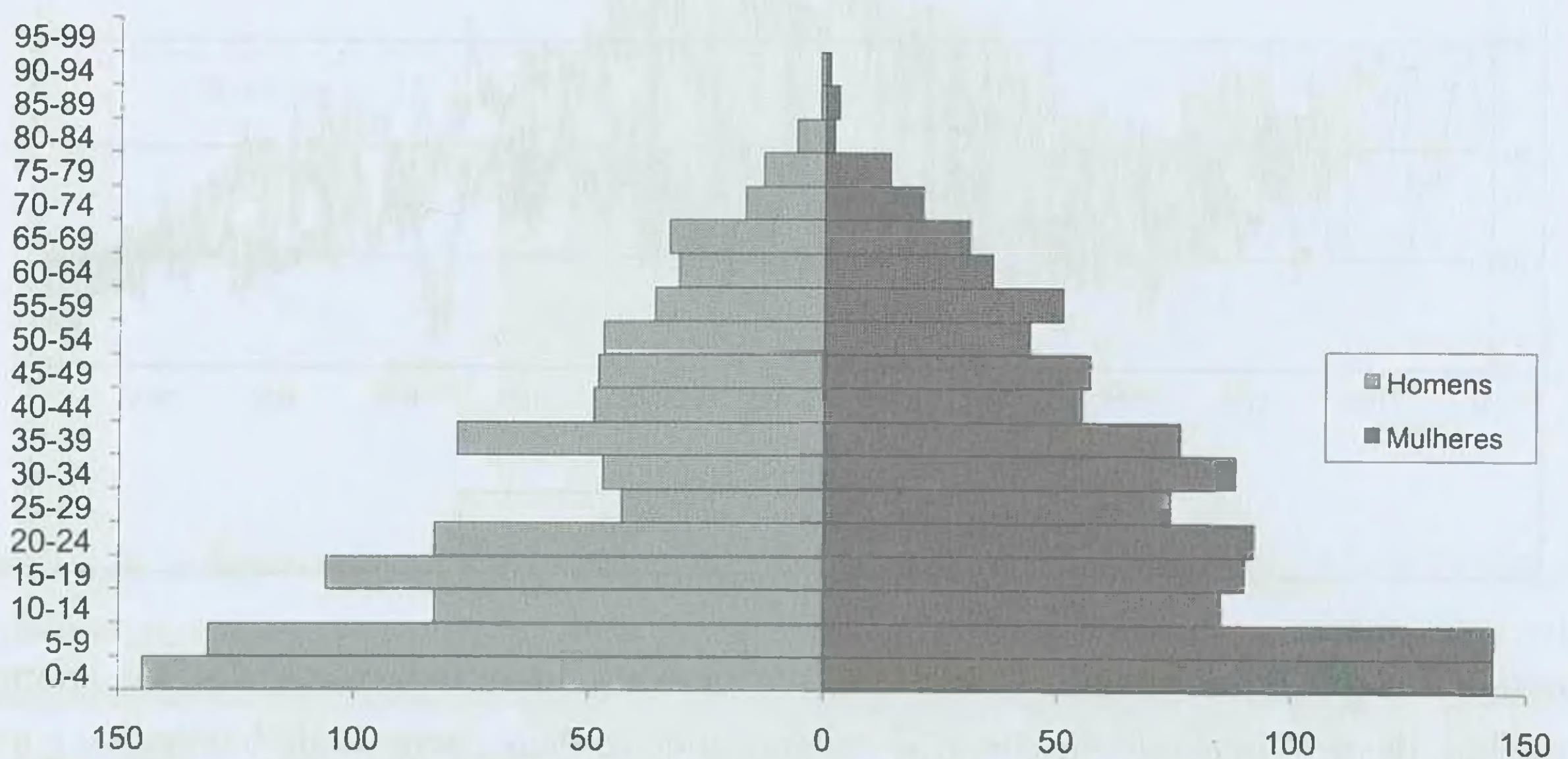
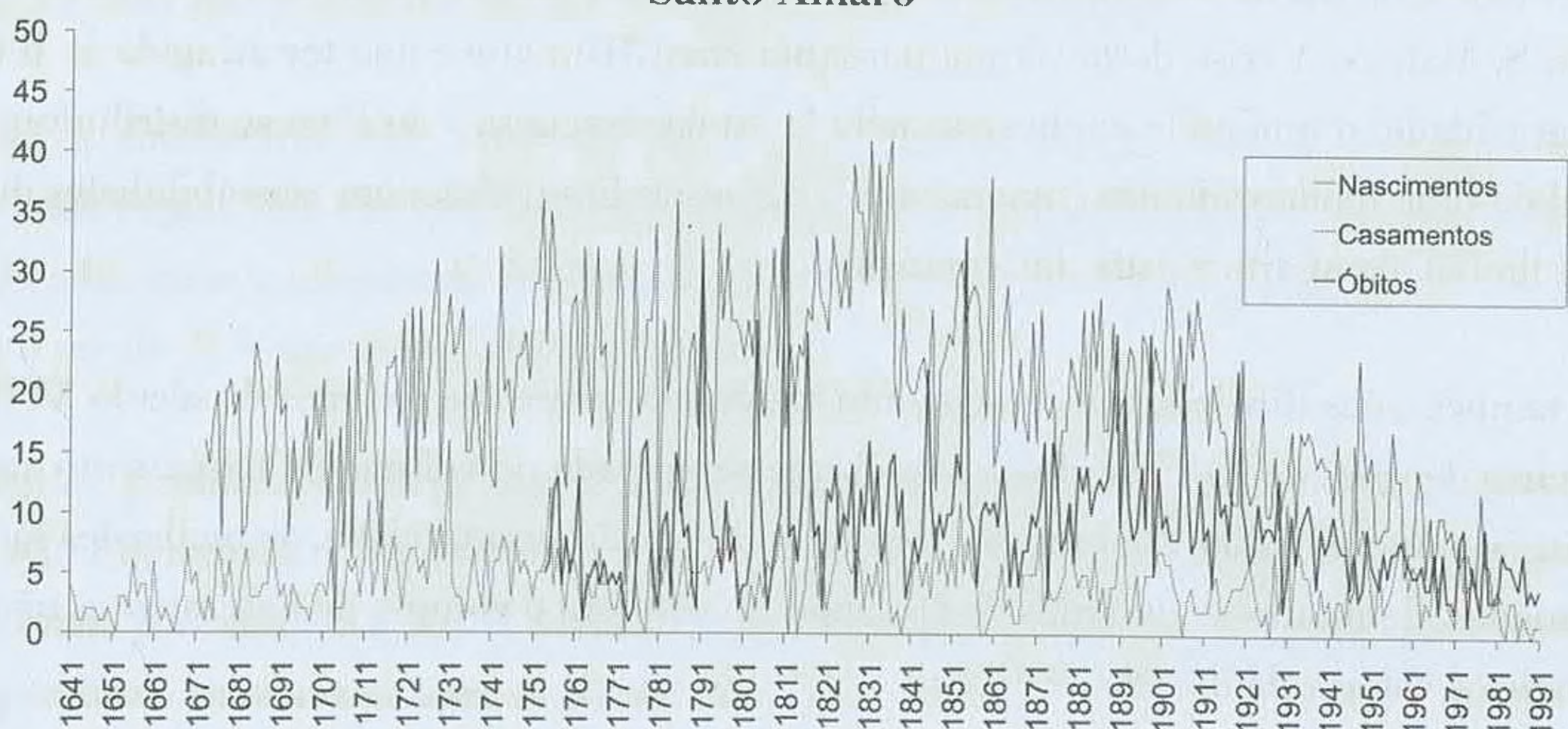


Gráfico VII
Movimento de Baptizados e óbitos (1680-1980)
Santo Amaro





Dispondo para esta freguesia, além da lista de residentes de 1838, de róis de confessados com todos os residentes para a segunda metade do século, podemos comparar a estrutura da população de 1838 com a de 1883.

Gráfico VIII
Pirâmide de idades - 1838
Santo Amaro

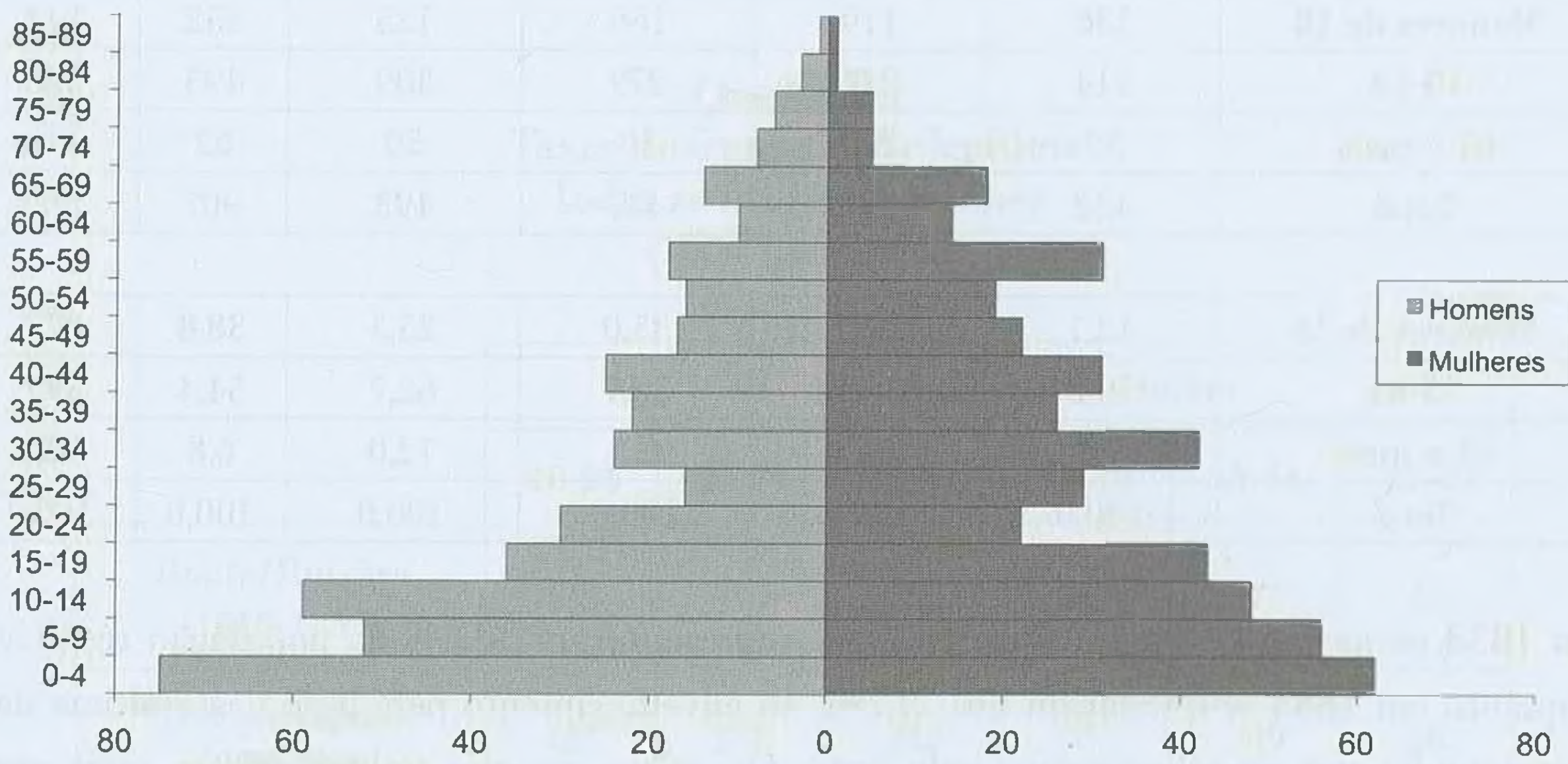
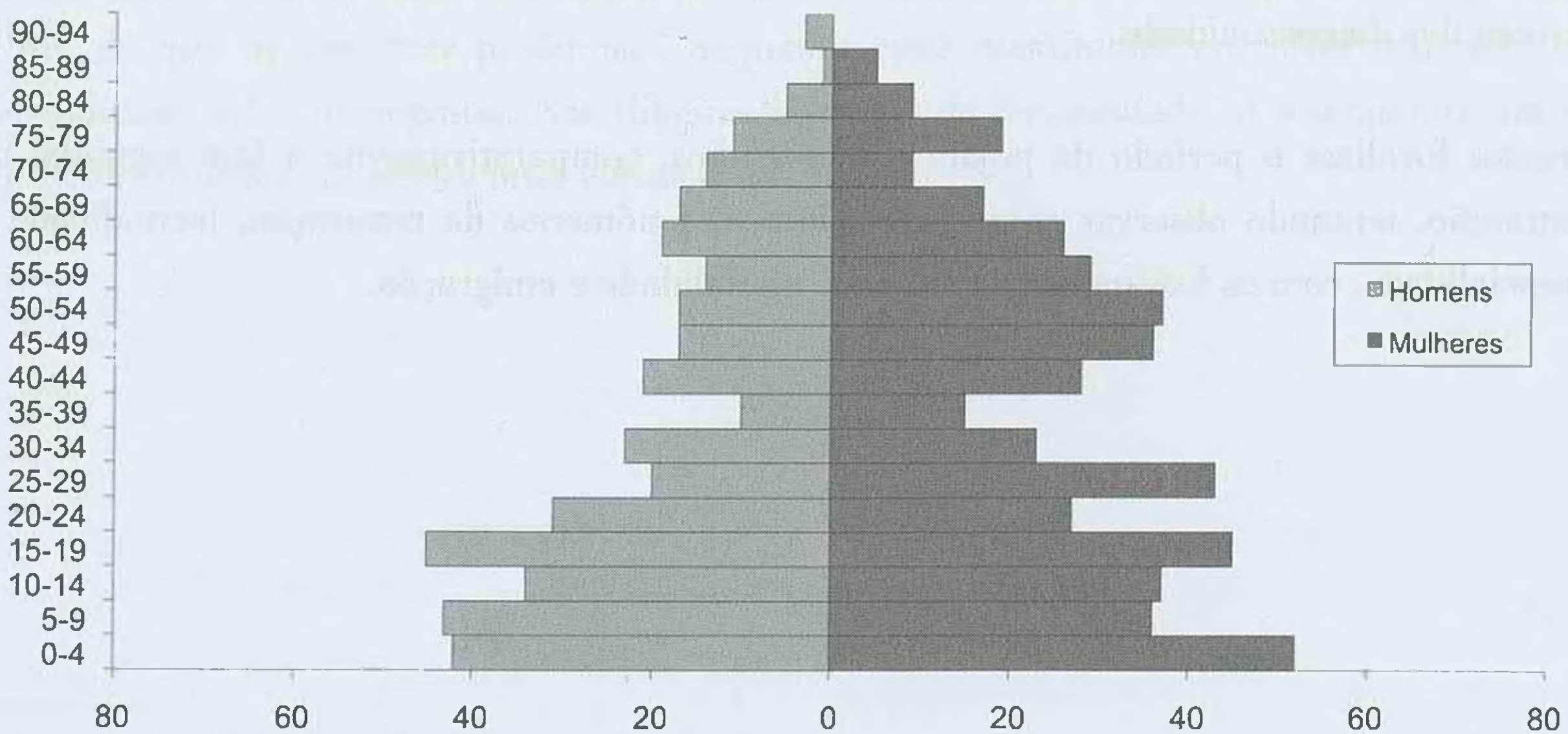


Gráfico IX
Pirâmide de idades - 1883
Santo Amaro



Quadro II
Grupos Funcionais
(comparação entre 1838 e 1883)

Grupos Funcionais (anos)	Homens		Mulheres		Sexos reunidos	
	1838	1883		1838	1883	
Números						
Menores de 15	186	119	166	125	352	244
15-64	214	217	279	309	493	526
65 e mais	32	51	30	59	62	110
Total	432	387	475	493	907	880
%						
Menores de 15	43,1	30,7	35,0	25,3	38,8	27,7
15-64	49,5	56,1	58,7	62,7	54,4	59,8
65 e mais	7,4	13,2	6,3	12,0	6,8	12,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Em 1838 os jovens, os menores de 15 anos, representavam 38,8% da população residente, enquanto em 1883 se quedavam nos 27,7%. Ao envelhecimento pela base nesta última data correspondia um envelhecimento pelo topo. Os *velhos*, os que tinham 65 ou mais anos, representavam já 12,5% da população em 1883, quando em 1838, não ultrapassavam os 6,8%.

Observando as pirâmides de idades da segunda metade do século XIX não é difícil atribuir a queda dos nascimentos à emigração de gente jovem, o que afectaria gravemente a capacidade procriativa da comunidade.

Iremos focalizar o período de pujança demográfica, comparativamente à fase seguinte, de retracção, tentando observar como interagiam os fenómenos de renovação, fecundidade e nupcialidade, com os fenómenos de ruptura, mortalidade e emigração.



2. Níveis de fecundidade e descendência

Se nos debruçarmos sobre as taxas de fecundidade legítima³ para a primeira metade do século XIX, não incluído Santo Amaro por reduzido número de observações, encontramos alguma diferença entre as paróquias do Pico e Ronfe/Ruivães, manifestando-se nestas últimas um maior nível de fecundidade para as mulheres com menos de 35 anos, com alteração da situação para as mulheres mais velhas.

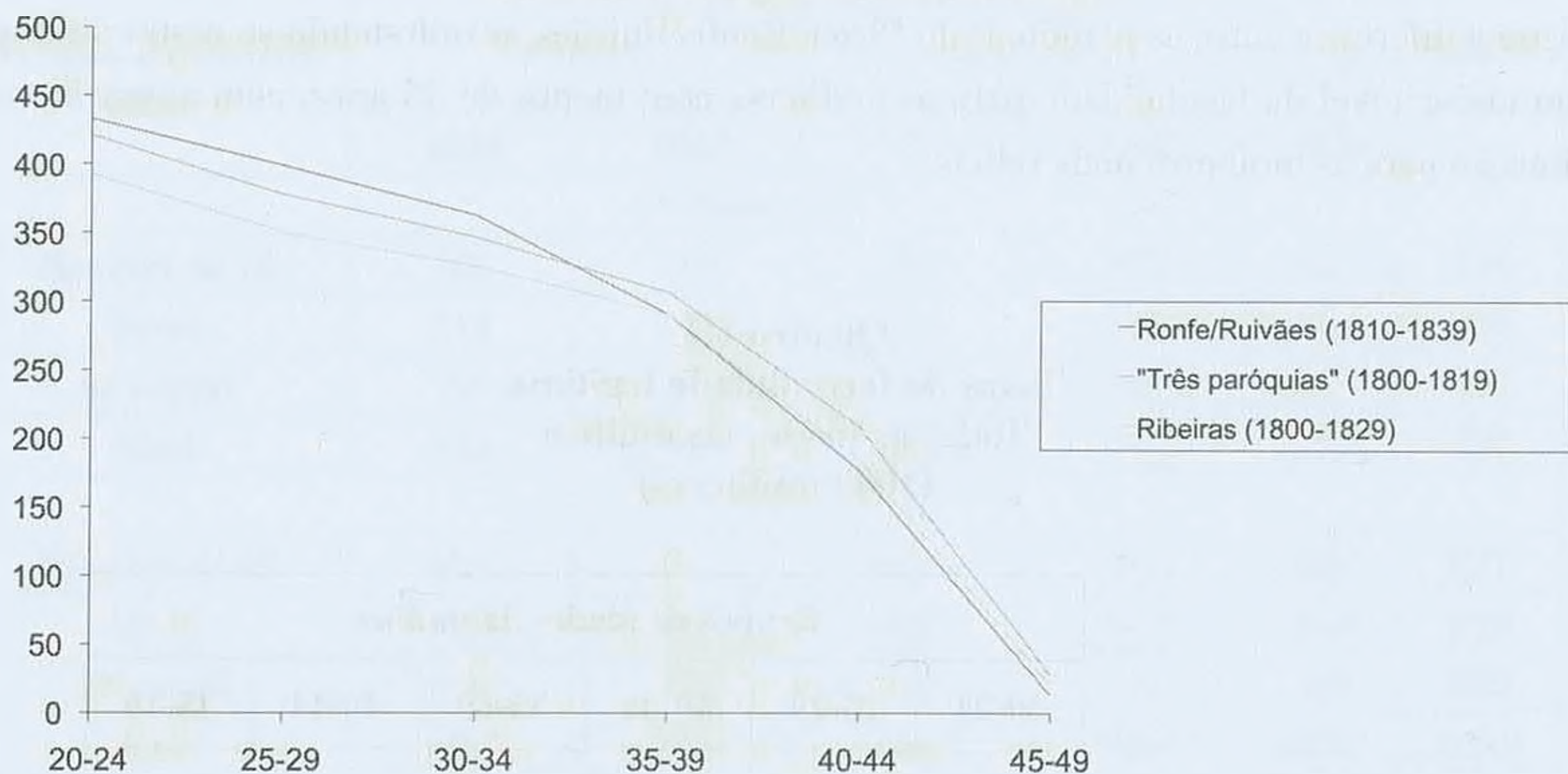
Quadro III
Taxas de fecundidade legítima
Todas as idades da mulher
(1000 mulheres)

	Grupos de idades da mulher					
	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49
Ronfe/Ruivães (1810-1839)	433	399	363	291	177	13
“Três paróquias” (1800-1819)	421	378	347	307	209	28
Ribeiras (1800-1829)	393	350	326	291	185	21

O gráfico comparativo das taxas de fecundidade legítima para as primeiras décadas do século XIX evidencia essas diferenças. Até aos 35 anos as mulheres minhotas tinham mais filhos do que as das “três paróquias”, enquanto estas mantinham um nível mais alto de fecundidade até à menopausa. Nas Ribeiras os níveis de fecundidade só acompanhavam os de Ronfe/Ruivães nas idades mais elevadas da mulher.

³ Número médio de filhos nascidos anualmente em 1000 mulheres.

Gráfico X
Taxas de fecundidade legítima
Todas as idades da mulher
(1000 mulheres)
Primeiras décadas do século XIX



Se em vez das primeiras décadas do século XIX escolhermos décadas da segunda metade do século, encontramos algumas diferenças, embora numa mesma linha de tendência.

Quadro IV
Taxas de fecundidade legítima
Todas as idades da mulher
(1000 mulheres)
Segunda metade do século XIX

	Grupos de idades da mulher					
	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49
Ronfe/Ruivães (1870-1899)	457	427	361	274	142	16
"Três paróquias" (1860-1889)	418	387	343	287	170	17
Ribeiras (1860-1889)	440	398	372	339	207	30

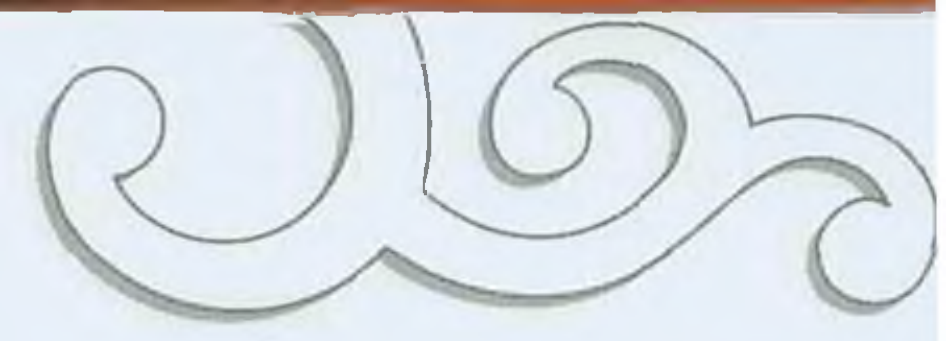
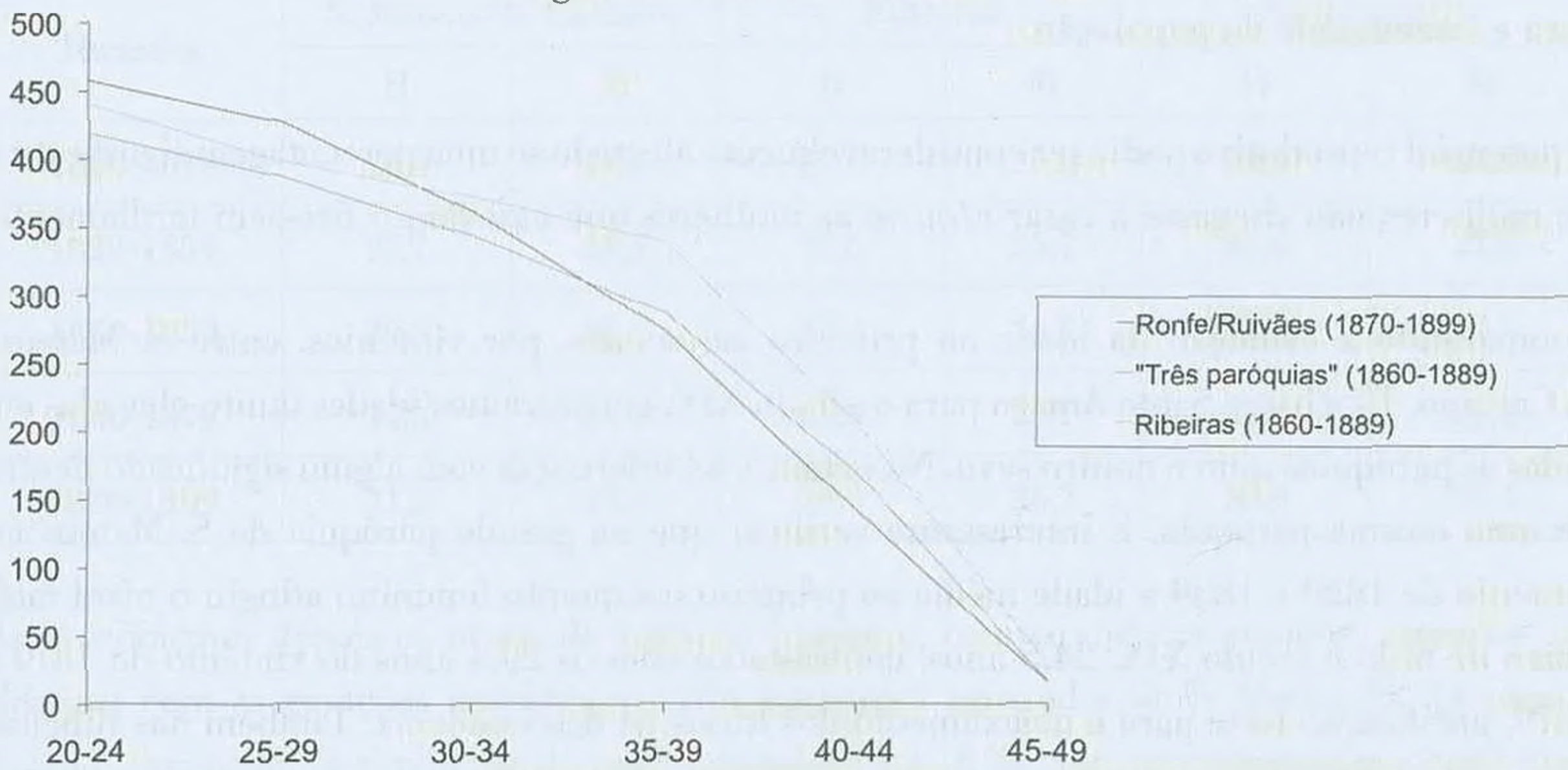


Gráfico XI
Taxas de fecundidade legítima
Todas as idades da mulher
(1000 mulheres)
Segunda metade do século XIX



Mantém-se a situação de taxas de fecundidade mais elevadas em Ronfe/Ruivães para as mulheres mais jovens e menos elevadas a partir dos 35 anos, relativamente às paróquias do Pico, mas agora com maior realce da freguesia das Ribeiras.

Considerando um indicador sintético, a descendência teórica, ou seja o número de filhos que cada mulher teria, entre os 20 e os 49 anos, nas condições encontradas de fecundidade, podemos mais rapidamente avaliar eventuais alterações. No caso de Ronfe/Ruivães, os valores não se alteraram do princípio para o fim do século, mantendo-se os mesmos 8,4 filhos por mulher. Nas "três paróquias", de 8,5 filhos passou-se para 8,1. Ao invés, nas Ribeiras, partiu-se de 7,8 para 8,9 na segunda metade do século. Não se descarta a possibilidade de um controlo incipiente da natalidade nas "três paróquias" para final do século, mas que, só por si, não seria de molde a justificar decréscimo significativo no volume dos baptizados.

Se considerarmos não a descendência teórica, mas o número médio de filhos efectivamente nascidos por união, e comparamos Ronfe/Ruivães e as "três paróquias" para um mesmo período, 1750 a 1929, encontramos valores mais favoráveis nas paróquias minhotas: 4,9 filhos, enquanto, nas "três paróquias", a média se coloca nos 4,7 filhos. No entanto, se para as paróquias do Sul do Pico, considerarmos dois períodos, de 1750 a 1849 e de 1850 a 1929, notamos alterações de maior significado: 5 filhos no primeiro período, 4,3 no segundo, a chamar a atenção não só para a possibilidade de um incipiente controlo de natalidade, mas principalmente para eventuais alterações na idade ao casar.

3. Idade média ao primeiro casamento feminino e celibato definitivo

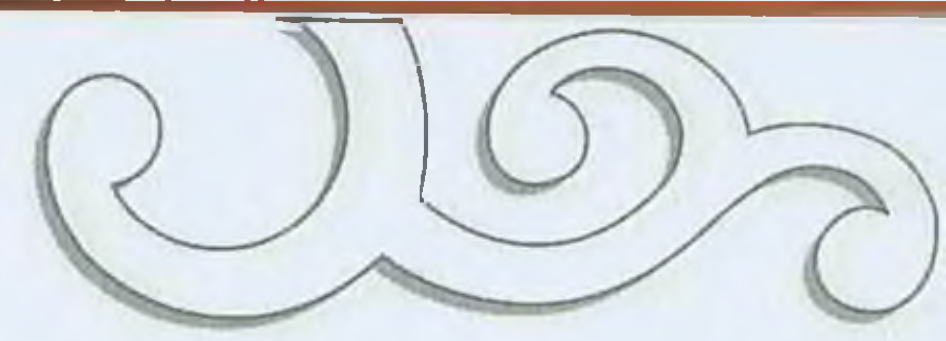
Em período de fecundidade próxima da natural, num regime de baixa mortalidade, os comportamentos de nupcialidade, mormente no sexo feminino, podiam ser determinantes para a estabilidade da população.

O potencial reprodutivo podia ser consideravelmente afectado se uma percentagem significativa de mulheres não chegasse a casar e/ou se as mulheres que casavam o fizessem tardiamente.

Comparando a evolução da idade ao primeiro casamento, por vinténios, entre S. Mateus/S. Caetano, Ribeiras e Santo Amaro para o século XIX, encontramos idades muito elevadas em todas as paróquias num e noutro sexo. No entanto, há diferenças com algum significado dentro de uma mesma paróquia. É interessante verificar que na grande paróquia de S. Mateus no vinténio de 1820 a 1839 a idade média ao primeiro casamento feminino atingiu o nível mais baixo de todo o século XIX, 24,5 anos, contrastante com os 29,4 anos do vinténio de 1870 a 1879, justificação forte para o abaixamento dos níveis de descendência. Também nas Ribeiras foi aquele o vinténio em que mais baixo se posicionou a idade das mulheres ao casar, 25,7 anos, dois anos menos do que entre 1860-1879, embora sem o desnível das “três paróquias”. No caso de Santo Amaro há uma maior estabilidade na idade média ao primeiro casamento feminino nos primeiros 60 anos do século XIX, oscilando à volta dos 27 anos e meio, mas no penúltimo vinténio do século as idades sobem para 29,4 anos em média.

Se compararmos com o comportamento da paróquia de Ronfe, encontramos para o período de 1780-1849, uma idade média ao casamento feminino de 27,6 anos, que reduz ligeiramente no meio século seguinte para 27,2 (Amorim, 1999: 22).

Não deixamos de achar significativa esta diferença: no Pico as idades ao primeiro casamento feminino foram bastante elevadas no decurso do século XIX, mas menos elevadas na primeira metade do século do que na segunda, em contraste com a evolução em Ronfe, o que teve natural influência na renovação das respectivas gerações.



Quadro V
Idade média comparada ao primeiro casamento
(Século XIX)

Períodos	S. Mateus/S. Caetano		Ribeiras		Santo Amaro	
	H	M	H	M	H	M
1800-1819	28,3	25,6	29,0	26,8	29,6	27,2
1820-1839	27,7	24,5	27,6	25,7	31,3	27,6
1840-1859	29,8	26,4	28,4	26,7	31,0	27,5
1860-1879	31,6	29,4	29,8	27,7	33,0	29,4
1880-1899	31,5	28,6	28,5	26,7	30,6	24,4

Se observarmos depois os níveis de celibato feminino, comparando as gerações nascidas nas Ribeiras com as gerações nascidas nas três paróquias agregadas de S. Mateus/S. Caetano e S. João, encontramos similitude de comportamento até 1810, com agravamento posterior mais intenso nas “três paróquias” (Amorim, 2001: 16).

Quadro VI
Celibato definitivo feminino
(Século XIX)

Gerações nascidas	“Três paróquias”	Ribeiras
1780-1809	17,1	17,2
1810-1839	33,3	24,9
1840-1860	38,4	30,3

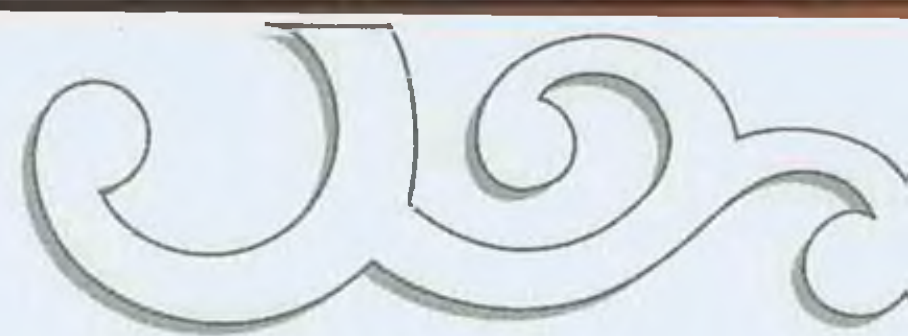
Como se verifica, as gerações nascidas na transição do século XVIII para o XIX que atingiriam a idade fecunda nos primeiros 40 anos deste último século tinham um acesso mais generalizado ao casamento do que as gerações que irão procriar na segunda metade de oitocentos.

Repare-se que em Ronfe as gerações femininas nascidas entre 1700 e 1789 tinham acesso mais limitado ao casamento, com percentagem de celibato definitivo da ordem dos 27,6% (Amorim, 1999: 26).

Comparativamente, da primeira para a segunda metade do século XIX, agudizam-se nas “três paróquias” do Pico comportamentos limitativos do crescimento da população: aumento da

idade das mulheres ao casar, aumento do número da percentagem de solteiras. No entanto, também nos primeiros quarenta anos do século, não deixa de ser elevada a idade média ao primeiro casamento feminino nem deixa de ser significativa a percentagem das mulheres que atingem os 50 anos sem terem chegado a casar, o que, numa situação típica do período não suporia tal incremento do volume de nascimentos.

Tanto a situação de crescimento acelerado na primeira metade de Oitocentos como a retracção intensa na segunda metade, nas condições observadas de fecundidade e nupcialidade, pedem explicações às variáveis de ruptura, mortalidade e emigração.



4. Mortalidade

A elevada idade média ao casamento em qualquer dos casos observados, uma média próxima de 5 filhos por mulher casada, supõe necessariamente uma esperança de vida muito alargada para a época.

Tentando comparar com a situação de Ronfe/Ruivães, mas não havendo nestas paróquias registo de mortalidade infantil para o período em causa, não conhecemos a esperança de vida à nascença, mas podemos calcular a duração das uniões conjugais, o que nos pode dar uma perspectiva da sobrevivência em idade adulta.

Para Ronfe e Ruivães, encontramos, como duração média dos casamentos, entre 1750 e 1929, os 30,1 anos. Em Santo Amaro, para período similar (1760-1919), os 32,1 anos; nas Ribeiras (1770-1919), os 33,0; nas três paróquias agregadas do Sul do Pico, os 32,4 (1800-1919), em qualquer dos casos um indicador de sobrevivência altamente favorável.

Dispondo de registo sistemático de mortalidade, incluindo de crianças, a partir do século XVIII, nas paróquias açorianas, podemos estimar a esperança de vida à nascença, dado o acompanhamento sistemático de percurso de vida todos os indivíduos nascidos⁴.

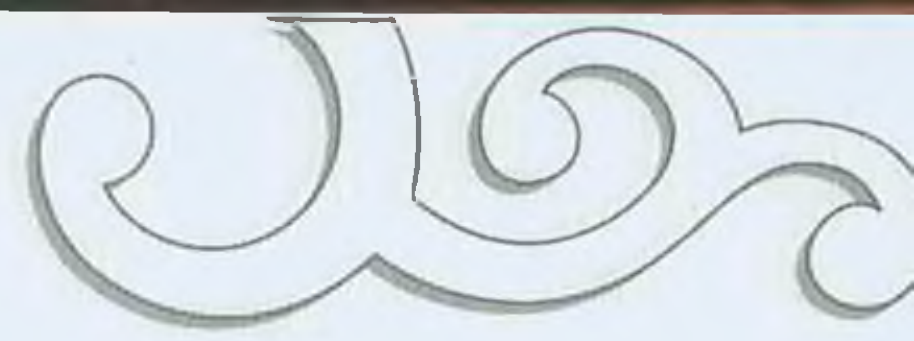
⁴ Havendo necessidade de conhecer todos os residentes em cada idade para o cálculo das respectivas taxas de mortalidade, servimo-nos de convenções para lidar com os emigrados: no caso de uma emigração familiar, considerámos com fim de observação para todos os membros da família a última dada familiar conhecida (nascimento de um filho, óbito de um menor, essencialmente); no caso de emigração isolada de indivíduos solteiros, considerámos como data de saída o dia do seu 20.º aniversário, uma média que tem em conta a idade mais precoce de saída por motivos de trabalho e a mais elevada por motivos de casamento com fixação de residência no exterior.

Quadro VII
Esperança de Vida
Grupos de Gerações

Idades	"Três Paróquias"		Ribeiras		Santo Amaro
	1740-1799	1800-1849	1750-1799	1800-1849	1760-1819
0	49	53	52	56	53
1	57	61	60	63	57
5	58	63	60	63	59
10	55	59	57	60	56
15	50	55	52	56	53
20	46	51	48	52	49
25	42	47	44	48	45
30	38	43	40	44	40
35	34	39	37	39	37
40	30	35	32	35	33
45	27	31	29	31	29
50	23	26	24	27	25
55	19	22	21	23	21
60	16	19	17	19	18
65	13	15	14	15	15
70	10	11	11	12	11
75	8	9	9	9	8
80	6	6	6	7	6

Como se verifica, a esperança de vida na ilha do Pico, para as gerações nascidas na segunda metade do século XVIII, rondava os 50 anos, um nível altíssimo para a época. Repare-se que os valores estimados para Inglaterra, no mesmo período, não ultrapassavam os 37 anos, e em França, os 31 (Livi-Bacci, 1987: 114).

Repare-se depois que os nascidos na primeira metade do século XIX tinham ganho 4 anos na esperança média de vida em relação às gerações anteriores, o que exclui de forma decisiva um eventual agravamento da *mortalidade corrente* como causa da queda dos nascimentos.



5. Emigração

É na emigração que reside, de facto, a principal explicação para as alterações estruturais da população da ilha do Pico ao longo do século XIX, não só pela redução imediata do número de jovens, mas também pela influência na elevação da idade média ao casamento feminino e consequente redução da descendência.

A quantificação dos movimentos migratórios é uma tarefa particularmente difícil. Em alguns casos, como aconteceu em S. João e, mais limitadamente, em Santo Amaro, tivemos possibilidade de cruzar as respectivas bases de dados demográficas com a informação de róis de confessados, com carácter de sistematicidade, referentes ao século XIX. Identificados os indivíduos não falecidos na paróquia, fomos perseguir a sua residência até situar o ano em que o movimento emigratório tinha acontecido.

Nas restantes paróquias servimo-nos de convenções já referidas anteriormente. No caso de emigração de uma família foi considerado, como data de saída para qualquer dos seus membros, o último registo familiar conhecido. No caso de emigração isolada foi convencionalmente marcado, como data de saída, o 20º aniversário do indivíduo em causa.

Nestes últimos casos a observação foi feita por grupos de gerações, o que protela para, sensivelmente, duas décadas o comportamento observado. As gerações nascidas, por exemplo, entre 1760 e 1779, terão afectado de forma mais significativa as saídas das duas últimas décadas do século XVIII, enquanto as gerações nascidas entre 1880 e 1899, terão afectado, no que diz respeito à emigração, mais intensamente as duas primeiras décadas do século XX.

A observação comparada do comportamento das gerações nascidas nas paróquias de Ribeiras e Santo Amaro, dá-nos uma clara perspectiva da agudização para a segunda metade do século XIX de um fenómeno estrutural nestas comunidades.

Quadro VIII
Volume de saídas definitivas
Grupos de gerações
Comparação entre Ribeiras e Santo Amaro

Períodos	Ribeiras			Santo Amaro		
	Efectivos iniciais	Saídas	%	Efectivos iniciais	Saídas	%
1760-1779	707	227	32,1	471	145	30,8
1780-1799	810	293	36,2	475	179	37,7
1800-1819	943	307	32,6	508	171	33,7
1820-1839	1158	477	41,2	624	249	39,9
1840-1859	1150	545	47,4	480	228	47,5
1860-1879	1099	504	45,9	416	184	44,2
1880-1899	1067	521	48,8	429	246	57,3

Como se verifica, em todo o período observado, a emigração era uma constante, com mais de 30% dos nascidos a falecer fora da sua terra. No entanto, esse comportamento agudiza-se claramente para as gerações nascidas depois de 1820, com valores entre 40 e 50%.

No caso de S. João, utilizando a informação dos róis de confessados, para o cálculo da população média, e os registos de passaportes cruzados na base de dados, podemos estudar os movimento emigratórios no momento em que ocorreram, em observação transversal, e em maior aproximação, dado que podemos incluir os emigrantes legais que regressaram à paróquia, o que não aconteceu na observação anterior.



Quadro IX
Volume de saídas
Por décadas
S. João

Décadas	População média	Sexo masculino	Sexo feminino	Sexos reunidos
1860	1383	107	84	191
1870	1334	107	70	177
1880	1281	83	72	155
1890	1183	82	89	171
1900	1031	111	92	203
1910	862	36	61	97
1920	670	37	28	65
1930	509	4	6	10

Como se verifica, entre 1860 e 1919, saíram da comunidade, embora com alguns retornos em idades maduras, 994 pessoas, o que numa população média que pouco excedia os 1000 habitantes, comprometeu muito gravemente a renovação das gerações, pese embora a suavidade da morte.

Reparamos também que, até ao fim da década de 1880, foram os homens os mais afectados pela emigração, situação que se equilibra nas décadas seguintes, com ligeiro predomínio do sexo feminino, com naturais repercussões no decréscimo do número de baptizados.

Nota final: Realçamos a complexidade da interacção das diferentes variáveis no ritmo de crescimento, positivo ou negativo, de uma determinada população. Em Oitocentos, em regime de fecundidade não controlada ou deficientemente controlada, com melhoria na esperança de vida, as populações tenderiam a um crescimento acelerado, mas os movimentos migratórios se fortemente actuantes, podiam reduzir de forma imediata os efectivos populacionais, com um efeito diferido, ao limitar o acesso ao casamento.

Bibliografia

AMORIM, Maria Norberta – “De uma “Fecundidade “Natural” a uma Fecundidade Controlada. O caso do Sul do Pico (1680-1980)”, *Cadernos do Noroeste*, vol. 4, n.º 6-7, 1991, pp. 283-305.

AMORIM, Maria Norberta – “Nupcialidade e fecundidade diferenciais. Evolução de comportamentos nos últimos três séculos. O caso do Sul do Pico (Açores)”, *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*, 1993, XI-2.

AMORIM, Maria Norberta (1992) – *Evolução Demográfica de Três Paróquias do Sul do Pico (1680-1980)*, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga, 844 pp.

AMORIM, Maria Norberta (2001) – *Ribeiras do Pico (Finais do século XVII a finais do XX). Microanálise da evolução demográfica*, Cadernos NEPS, Guimarães.

AMORIM, Maria Norberta (2004) – *O Pico. A Abordagem de uma Ilha. Vol. I – As Famílias. Tomo I. – As Famílias de São João nos finais do século XIX*, Município Lajes do Pico/NEPS.

AMORIM, Maria Norberta (2005) – *O Pico. A Abordagem de uma Ilha. Vol. I – As Famílias. Tomo II. – As Famílias de Santo Amaro nos finais do século XIX*, Município de S. Roque/NEPS.

AMORIM, Maria Norberta (2006) – *O Pico. A Abordagem de uma Ilha. Vol. I – As Famílias. Tomo III. – As Famílias do espaço de S. Caetano entre os séculos XIX e XX*, Município da Madalena/NEPS.

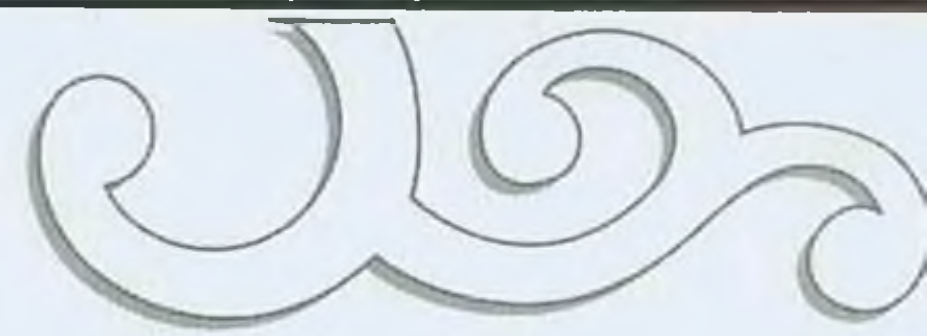
AMORIM, Maria Norberta – “Fecundidade legítima em longa duração. A especificidade de comportamento no Baixo Minho (1680-1980); *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*, XVI-1, 1998, pp. 55-78.

AMORIM, Maria Norberta – “Emigração - uma variável demográfica influente. O comportamento de gerações nascidas no Sul do Pico entre 1740 e 1890”, *Ler História*, 22, 1991; também publicado em *Emigración española y portuguesa a América*, coordenador António Eiras Roel, Alicante, 1991.

BANDEIRA, Mário Leston (1996) – *Demografia e Modernidade. Família e Transição Demográfica em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Emigração/Imigração em Portugal, Actas do Colóquio Internacional sobre Emigração e Imigração em Portugal (Séculos XIX e XX) (1993), Lisboa, Fragmentos.

FLINN, Michael W. (1989) – *El sistema demográfico europeo, 1500-1820*, Barcelona, Editorial Crítica.



LIVI-BACCI, Massimo (1987) – *Ensaio sobre la historia demográfica europea. Población y alimentación en Europa*, Barcelona, Ariel.

LIVI-BACCI, Massimo (1988) – “La Península Ibérica e Italia en vísperas de la transition demográfica”, em Pérez Moreda e Reher (org.), 138-178.

MADEIRA, Artur António Boavida (1997) – *População e Emigração nos Açores (1766-1820)*, Universidade dos Açores, Ponta Delgada.

NAZARETH, J. Manuel (1979) – *O envelhecimento da população portuguesa*, Lisboa, Presença.

NOIN, Daniel (1983) – *La transition démographique dans le monde*, Paris, PUF.

ROCHA, Gilberta P. N. (1991) – *Dinâmica Populacional dos Açores no século XX. Unidade, permanência, diversidade*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores.